

Beltudo

Há muito tempo que Belver estava escrito no céu do Tejo a pé. O PR1 – arribas do Tejo e o Alamal a isso obrigavam. Não nos enganaram.



Para a maioria, a viagem de comboio e o *transfer* de barco. Tudo a condizer, muito bom.

Depois das 31 criaturas instaladas no INATEL, até ao jantar (“pecado da gula”), o tempo correu rápido.

Tempo próprio de setembro, ainda verão, e uma noite de sábado fantástica para um jantar honesto e muito agradável.

Seguiu-se alguma cavaqueira e o preparar para dormir, levantar cedo estava certo.

Adivinhava-se calor e por isso, depois do dito pequeno almoço, o objetivo era sair pelas 8:00. Pouco depois assim foi, partimos 21 a quem se haviam de juntar o Faustino e a Vera acabadinhos de chegar de Odivelas.

O sentido escolhido foi o mais adequado para fazer a parte mais difícil do percurso, enquanto as pernas ainda estão frescas e o tempo também. Andámos os cerca de 3 km

até à barragem num sobe e desce próprio do caminhar numa arriba sobranceira a um lago.

O PR1 está muito bem infraestruturado, em largos troços tem guardas em madeira, etc. Aqui, até a barragem tem a sua piada. Depois desta, quando o sol já se fazia sentir, foi a subida para o miradouro do Pintalgaio. Nada de especial para quem anda, alguma dificuldade para os restantes. Esta terá sido a caminhada em que o grupo andou mais partido. Os mais rápidos nunca andaram junto dos mais lentos – algo, necessariamente, a rever. Num grupo que se preze o ritmo é o dos mais lentos.

Aqui a paisagem é sempre bonita. Nas janelas é possível olhar o Tejo, lá em baixo, com muita água devido ao efeito da barragem. Também vimos o Alamal, à nossa espera, do outro lado, com boa integração no todo.



Até Belver, mais a descer, comeram-se figos e amoras. Antes já tínhamos saboreado os Borrachões da Fátima. Mesmo antes de Belver uma volta “estranha”, a apelar ao by pass, leva-nos a um dos cenários mais bonitos do percurso, ao lagar da Fraga. A moderna ponte suspensa põe uma nota de aventura e mostra todo o cuidado que o Gavião teve a em desenhar esta Pequena Rota. Também se mostra, mais uma vez, que o traçado destas rotas, desenhadas por quem sabe (Notas Campestres) não é ao acaso, como sempre os mais descrentes nos querem fazer crer.

Com o mais agradável para vir – passeio em madeira junto à água -, o troço urbano (Belver) deste percurso não deixa os créditos por mão alheia e mostra-nos uma curiosa exposição de escultura embutida ao logo de um antigo muro de pedra. Mais um ponto com muito interesse no PR1 do Gavião.



Depois de passada a ponte, até ao Alamal, é o longo passadiço de madeira sobre a água. Um justo prémio para os caminhantes menos preparados. A conservação de um passeio destes não é fácil, cada um tem de saber que não está a caminhar numa calçada ou num estradão. Talvez uma placa avisadora, em cada um dos extremos, seja boa ideia.

Alguns foram partindo e os outros esperaram pelo comboio, mesmo ao fim do dia. Sem darmos por isso (?) à entrada da semana europeia da mobilidade, embora pagando mais, demos o exemplo ao utilizar, mais uma vez, o comboio.

A espera serviu para viver um pouco mais o Alamal, bastante mais tranquilo que no sábado do triatlo. As opções foram do banho no rio aos jarros de sangria. Mas não foi só líquido, também houve sólidos, os caracóis estavam muito bons. As areias da Luísa o habitual. Enfim, tudo, e mais uma botas, para um pecador se sentir feliz.

Para além dos 21 houve 10 pessoas que ficaram pelo Alamal, andaram até Belver, visitaram o castelo e o resto só elas sabem.



Além o PR1 a CM do Gavião devia pensar seriamente noutras PR. Uma opção estratégica para uma terra do interior que traria resultados.

No fim todos pareciam felizes.

Carlos A Cupeto, Évora, 16 de setembro de 2013